

UM GRITO DE DESESPERO: DIÁLOGOS PARA UMA FILOSOFIA DA MORTE EM IVAN JUNQUEIRA E EMIL CIORAN

Rodrigo Michell dos Santos Araujo (UFS)¹

Resumo: Este artigo pretende estabelecer uma aproximação entre o pessimismo filosófico de Emil Cioran e a obra *A sagração dos ossos* (1994), de Ivan Junqueira. Busca-se investigar na obra do poeta um espaço propício para uma filosofia da morte e do morrer a partir da experiência de vida como agonia prolongada, que atravessa o pensamento do filósofo romeno. Neste sentido, à luz de uma filosofia pessimista é possível tomar a poesia de Ivan Junqueira como uma celebração e caminhar para a morte.

Palavras-chave: Morte; Desespero; Poesia; Filosofia.

Pode um encontro entre filosofia e literatura ser, aparentemente, tão antigo quanto à existência destes campos? Até que ponto filósofos valeram-se da literatura para filosofar, e até que ponto poetas valeram-se de temas filosóficos para a criação literária? Dos diálogos entre os discursos às hierarquizações dos campos, dos pontos de encontro aos de diferenças, de Platão a Mário de Andrade (Nunes 2010), de Blanchot a Derrida, de Schopenhauer a Yukio Mishima, de Cioran a Ivan Junqueira tem-se um diálogo onde um campo fecunda no outro, como bem mapeado pelo crítico Benedito Nunes (2010). Se desde o nascimento da filosofia ocidental a questão do mito possibilitou a problemática filosofia/literatura, se Nietzsche ou Jean-Paul Sartre põem em xeque os limites dos campos, podemos aqui buscar um espaço para que estas áreas tenham contato, “hibridizá-las, torná-las uma a extensão da outra, sem que seus lugares respectivos de produção se percam” (Nascimento 2004: 51). Se é próprio da filosofia estabelecer tal diálogo (Pareyson 2005), ambas – filosofia e literatura – podem ser reconhecidas como artefatos da linguagem. Confluências.

É possível, então, um encontro entre o filósofo romeno Emil Cioran e o poeta contemporâneo Ivan Junqueira? Se, por um lado, Cioran flerta com a literatura em

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: rodrigo.literatura@yahoo.com.br.

sua escritura, levando os campos ao limite – e isso se evidencia quando o filósofo dá um “adeus à filosofia” (Cioran 1989: 54) e aos sistemas –, por outro, a obra de Ivan Junqueira torna-se propícia para um mapeamento de temas filosóficos. Emil Cioran é considerado hoje o mais pessimista dos filósofos, partindo sua filosofia da dor da existência e da ausência de sentido no mundo. Tomaremos aqui a primeira obra do filósofo, escrita em romeno e depois traduzida para o francês, *Sur les cimes du désespoir* (1990), onde destacam-se quatro grandes temas: desespero, agonia, tristeza e sofrimento. É então, nos cumes do desespero, que a vida se revela angustiante e miserável; um caminhar para a morte, pura e sublime. Esses temas que sobressaem nos *Cimes* podem ser mapeados também na poesia de Ivan Junqueira em *Sagração dos Ossos* (1994), propondo uma filosofia da morte, pois discorrer sobre os sentidos da morte permite-nos pensar a vida; morte que é imanente à vida, que atesta o drama da finitude.

Se a morte é propriamente “a musa da filosofia” (Schopenhauer 2000: 59), ou “filosofar é aprender a morrer” (Montaigne 2010: 59), na literatura ela tem lugar privilegiado, já que a linguagem ganha vida na morte (Blanchot 1997); uma potência de morte. Portanto, das aproximações do filósofo pessimista com o poeta carioca resulta numa queda para o abismo, onde cada passo na vida leva a outro para a morte.

1. Êxtase da morte: algumas problematizações

Descobri-me profundamente imerso num desejo de morte. Era na morte que eu havia encontrado meu real objetivo na vida.
(Yukio Mishima)

Muitos foram os filósofos que se ocuparam do filosofar a morte, bem como muitos foram os poetas que a cantaram. Problema filosófico, gênio inspirador, temida e adorada, nem sempre a morte teve seu devido lugar no seio da sociedade, pois cada geração atribuiu-lhe particularidades e modos distintos de experiência (cf. “Sobre a Experiência”, Montaigne 2010: 508). Intenta-se não percorrer um curso da morte, mas chegar à tese de que a morte põe em xeque a existência. Mas como problematizá-la e adorá-la, com poetas e filósofos, se não amá-la? Seguindo com Emil Cioran é possível não amá-la, pois a morte causa sempre temor, essa terrível certeza grave e sinistra, mas sim admirá-la. Um *exercício de admiração* (Cioran 2011). Assim também é a poética junqueiriana: um exercício de admiração da morte. Morte que é tema privilegiado na obra de Junqueira, d’*Os Mortos* (1964) à *Rainha Arcaica* (1980), desaguando na *Sagração*, fazendo de sua poesia evento tão visceral quanto à morte.

A presença da morte diante do homem, este animal jogado na vida (Artaud 1985) como uma pedra em direção à morte, causa uma intensidade dramática vista por dois pontos conceituais: ansiedade e temor. Infiltrada na vida, as pulsões da ansiedade de morte levam ao suicídio como incapacidade de ajustar-se no mundo, muito facilmente engendrando a angústia, autodestruição (cf. Pinguet 1987), mal de

viver (Thomas 1983). Já o temor resulta numa ação de temer a morte e os mortos (temor aos mortos, cf. especialmente: Vovelle 1996; Elias 2001), isto porque a morte é sempre triunfante, não há como fugir de seu fantasma.

Temer a morte é sempre partir rumo a um conforto, a um porto seguro, a um consolo. Sintomáticas são as primeiras linhas do *Livro Tibetano dos Mortos* (1972: 9), segundo as quais “o homem contemporâneo procura na ciência e na tecnologia a mesma segurança que o primitivo tentou encontrar nos rituais, e que os nossos antepassados mais recentes buscaram na fé religiosa”. Assim, “representar a morte não é apenas vivê-la em imagens, em nossos sonhos, obsessões, impulsos, para desejá-la ou temê-la; é também materializá-la em frases, formas, cores, sentidos”² (Thomas 1983: 186).

Ao acolhermos a concepção de Louis-Vincent Thomas (1983) de materializar a morte, podemos tratá-la como imanente à vida, onde morte e vida se mesclam. Mas, neste movimento, estaríamos atestando a morte do homem em vida ou um estar a morrer? O pensador do Renascimento Michel de Montaigne (2010) responde:

A contínua obra de vossa vida é construir a morte. Estais na morte enquanto estais em vida, pois estais depois da morte quando não mais estais em vida. Ou, se assim o preferis, estais morto depois da vida, mas durante a vida estais morrendo e a morte toca bem mais brutalmente o moribundo que o morto, e mais viva e mais essencialmente (Montaigne 2010: 78).

Estar a morrer, na via do pensamento de Montaigne, tem duas concepções em si antagônicas: a primeira, a morte para os que estão vivos – os de boa saúde e os idosos, para Montaigne – é menos nociva e leve; a outra, a morte para os moribundos é dolorosa, demorada e brutal. Certo que Montaigne está, digamos, *en flattant la mort*, “habitua-se tanto a ela que a morte torna-se um pedaço da sua vida” (Auerbach 2007: 57). Se a vida é movimento para a morte, quando esta se deita sobre a vida, pensar com Montaigne é experiência do abraçar a morte, tocar sua mão, ver seu rosto, experiência do sofrer, “aprender a sofrer o que não se pode evitar” (Montaigne 2010: 545). Em suma, seus ensaios são, como quer Auerbach (2007), uma espécie de elixir da vida e também da morte.

De uma aproximação de Michel de Montaigne com Emil Cioran resulta uma escritura que é expressão do corpo, que se aproxima do literário, que abandona sistemas. Cioran, não adequando seu pensamento a um sistema, afasta-se da filosofia, pondo sua escritura nos limítrofes dos gêneros: uma escritura feita de “sangue, lágrimas e poesia” (Corsi 2011). Pessimista e niilista, o último dos metafísicos (Guedes 2011), grande estudioso de filósofos como Nietzsche, Schopenhauer e Kierkegaard, Cioran levou às últimas consequências a tese da existência como dolorosa, onde viver é uma enfermidade. Escreveu para sobreviver,

² Representarse la muerte no es sólo vivirla en imagen, en nuestros sueños, obsesiones, impulsos, para desejarla o temerla; és también materializarla en frases, en formas, en colores, en sonidos”. As traduções feitas neste artigo foram feitas pelo próprio autor, não implicando uma tradução técnica.

resultando da escritura um alívio, pois “escrever é desfazer-se de seus remorsos e rancores, vomitar seus segredos. O escritor é um desequilibrado que utiliza essas ficções que são as palavras para se curar” (Cioran 2011: 152). Se, de um lado, Montaigne escrevia para si uma obra que não teria leitores, obra de tamanha transparência de si; de outro, Cioran conferia, na escrita, um “combate com os outros e consigo mesmo” (Cioran 2011: 152). E, deste combate, Cioran dá seu primeiro grito agônico: *Sur les cimes du désespoir*, obra escrita aos vinte e dois anos. Acometido por insônia e ideia de suicídio, a primeira obra de Emil Cioran é a mais brutal, marcada ferozmente pelo sofrimento e pela ideia de morte, “o livro mais pessimista e agonizante de que temos notícia” (Redyson 2011: 59). Obra síntese do seu pensamento (Pecoraro 2004), sua revolta contra o mundo.

Como mencionado, quatro temas compõem os *Cimes* de forma extrema: agonia, desespero, sofrimento e tristeza. As primeiras linhas já demarcam suas inquietações ao perguntar por que não nos encerramos em nós mesmos, alertando que a morte nos arranca dos cumes da vida medíocre e deficiente. A primeira tese lançada por Cioran é que só “se compreende a morte quem sente a vida como uma agonia prolongada”³ (Cioran 1990: 28). Aqueles que gozam de boa saúde não possuem a experiência de agonia nem a sensação da morte, pois “só os verdadeiros enfermos são capazes de uma seriedade autêntica”⁴ (Cioran 1990: 30). Isto é, só na enfermidade, existencialmente falando, para se compreender a morte; só descendo às profundezas da fatalidade da existência para sentir a morte. Por doença, Cioran entende que não seja “ausência de saúde, mas uma realidade tão positiva e tão durável quanto a saúde” (Cioran 2011: 24). Nesse sentido, objetiva tese que muito se aproxima das experiências de Montaigne (2010: 74): “creio que tenho bem mais dificuldade em digerir essa aceitação de morrer quando estou com saúde”. Embora Montaigne refira-se a uma doença mais crônica, como Cioran, também vê a morte na enfermidade: “quando sou atacado por minha doença, considero-a um remédio” (Montaigne 2010: 551). Igualmente podemos aproximar da tese cioraniana o pensamento de Arthur Schopenhauer constante do livro quarto do expressivo *Mundo como Vontade e como Representação* (2005), mantendo, claro, suas distinções do pensamento de Cioran. Assim, de acordo com Schopenhauer (2005: 403): “Ao mesmo tempo, contudo, é bastante digno de nota que [...] os sofrimentos e aflições da vida podem tão facilmente aumentar em tal intensidade que a morte mesma, de cuja toda a vida consiste, é desejável e o homem voluntariamente a abraça”. Comparando a vida com uma bola de sabão, em que a certeza de estouro triunfa, a morte vence, de acordo com Schopenhauer, pois o homem é Vontade e fenômeno dessa Vontade, o animal mais necessitado dos animais, “querer concreto e necessidade absoluta” (Schopenhauer 2005: 402), mas, na ausência do objeto do querer e da necessidade – o que, para seu pensamento, querer é a base da necessidade, logo sofrimento –, o homem é tomado pelo vazio e pelo tédio, desaguando no desespero cioraniano.

³ “L’on ne comprend la mort q’uen ressentant la vie comme une agonie prolongée”.

⁴ “Seuls les vrais souffrants sont capables d’un sérieux authentique”.

A agonia desvenda o aspecto demoníaco da vida, levando o homem à “grande purificação que é a visão da morte”⁵ (Cioran 1990: 20). É como um banho de chamas que queima por dentro: fogo purificador capaz de anular a existência. Luta entre vida e morte onde se vive a segunda de forma dolorosa, mas consciente. Eis o *método da agonia*:

Fundamentalmente, agonizar significa ser martirizado na fronteira entre vida e morte. Sendo a morte imanente à vida, esta última se converte, quase em sua totalidade, em uma agonia. [...] A agonia verdadeira nos faz alcançar o nada através da morte; a sensação de esgotamento nos consome imediatamente e a morte obtém a vitória⁶ (Cioran 1990: 22).

O desespero é revelador, mais ainda: “um grito de desespero é mais revelador”⁷ (Cioran 1990: 27). Assim como só é possível sentir a morte descendo às enfermidades, é preciso descer à profundidade do desespero, e nada mais propício que estar insone, pois é a insônia que faz “esquecer os dramas da vida, suas complicações, suas obsessões”⁸ (Cioran 1990: 92), engendrando, assim, um sentimento de agonia e desespero. Nos cumes do desespero, nada pode dormir. Entre agonia e desespero nada pode consolar o homem, porque, no entremeio, infiltra-se a solidão, “um sofrimento prolongado”⁹ (Cioran 1990: 19); isto porque o sofrimento é um estado de solidão. As pesadas linhas do seu pensamento mostram que o sofrimento é um dos pilares da existência, já que “viver é sofrer e sofrer é encontrar-se num mundo em estado de putrefação” (Redyson 2011: 62). As portas do Éden parecem estar trancadas para o homem e, por não conseguir achar a chave, cai no sofrimento, pois “todo verdadeiro sofrimento é um abismo”¹⁰ (Cioran 1990: 60). Não há como abrir as portas do paraíso, a não ser pela destruição. Deste modo, sugere-se que a saída para Cioran é destruir o mundo, queimá-lo. Igualmente é a tese do personagem Mizoguchi, do *Templo do Pavilhão Dourado* (1988), de Yukio Mishima que, impossibilitado de abrir as portas, decide incendiar o mundo, o mesmo fogo purificador cioraniano, e dissipar-se no nada. Nadificar-se também é a máxima de Cioran: “quereria eu explodir, afundar, me decompor”¹¹ (Cioran 1990: 63). Depois de destruir o mundo, isto é, depois de acabar com as formas de existência, quem destruir agora se não a nós mesmos? “Quando o mundo inteiro for derrubado diante

⁵ “La grande purification qu’est la vision de la mort”.

⁶ “Fondamentalement, agoniser signifie subir le supplice à la frontière entre la vie et la mort. La mort étant immanente à la vie, celle-ci devient, dans sa quasi-totalité, une agonie. [...] L’agonie véritable vous fait rejoindre le néant par la mort; la sensation d’épuisement vous consomme alors immédiatement et la mort remporte la victoire”.

⁷ “Un cri de désespoir est bien plus révélateur”.

⁸ “Oublier le drame de la vie, ses complications, ses obsessions”.

⁹ “Souffrance prolongée”.

¹⁰ “Toute vraie souffrance en est un”.

¹¹ “Je voudrais exploser, couler, me décomposer”

dos vossos olhos, nós também nos derrubaremos irremediavelmente”¹² (Cioran 1990: 97). Há tristeza maior que esta? A tristeza, esse último tema que lhe atravessa a obra, é mais sombria, e Cioran fará a distinção entre tristeza e melancolia, tristeza e dor. Frente à melancolia, ela é mais profunda porque é maior sua interiorização em determinado espaço-tempo, já que a melancolia é mais passível num dado instante; frente à dor, a tristeza é a que permite o homem refletir. Embora díspares, tristeza e dor levam o homem à morte, assim como tristeza e sofrimento revelam a sua existência. Eis a conclusão de Cioran para sua filosofia da morte depois de refletida a doença e o vazio da vida: “eterna é a miséria da humanidade”¹³ (Cioran 1990: 100).

Êxtase da morte! *Sur les cimes du désespoir* é um caderno de admiração da morte e síntese do seu pensamento, por onde irão desaguar em outras obras as concepções: (i) de vida como ausente de um objetivo, criada pelo delírio, uma “impaciência de decair, de prostituir as solidões virginais da alma pelo diálogo” (Cioran 1989: 25), levando às últimas consequências a máxima schopenhaueriana de que “toda vida é sofrimento” (Schopenhauer 2005: 400), pois nada adianta dar um “objetivo preciso à vida: ela perde instantaneamente seu atrativo” (Cioran 1989: 18); (ii) de homem, distinguindo-os em dois tipos, antípodas um do outro: o que possui o sentimento de morte, isto é, a abraça voluntariamente, e o que não tem, embora “os dois morrem, mas um ignora a sua morte, o outro a sabe, um morre apenas um instante, o outro não pára de morrer” (Cioran 1989: 19). Mesmo que a morte triunfe para ambos, o homem enfermo, o homem decaído, “recomeça a cada dia, apesar de tudo o que sabe” (Cioran 1989: 51). Essa é a suma da filosofia negativa de Emil Cioran, pensamento em chamas, uma queda na lama noturna.

2. A poesia incendiária de Ivan Junqueira

Dor, perda, angústia, agonia, sofrimento, remorso, lágrimas, sangue, ossos, covas, gritos, corvos e moribundos, tudo fundido numa poética que podemos chamar de negativa: um amálgama de cinzas. Herdeiro de Augusto dos Anjos e Arthur Rimbaud, exímio tradutor de Baudelaire, T. S. Eliot e Dylan Thomas, Ivan Junqueira fez de sua obra um caminhar para a morte, uma urgência pelo pior, um esboço em decomposição. Uma poesia “arquitetada”, assim como a poesia de João Cabral de Melo Neto – honrosamente Ivan Junqueira ocupou a cadeira de João Cabral na Academia Brasileira de Letras –, mas que, frente à tradição, soube construir suas rupturas (Ivo 2009). Em suma, uma poesia inquieta e questionadora, pois:

O poeta não busca a fixidez de um modelo enclausurado na perpetuação de uma voz definitiva, mas exatamente o que dali emana como seiva errante e

¹² “Lorsque le monde entier s’est effondré sous vos yeux, vous vous effondrez vous-même irrémédiablement”.

¹³ “Éternelle est la misère de l’humanité”.

impura a corroer o inamovível desejo de certezas em que nos abrigamos para a esquivança das questões primordiais (Secchin 1994: 16).

Certo que, no tocante à morte, nos abrigamos em certezas, como aponta Secchin, para fugir da morte, afastando-a da vida. A poesia de Ivan Junqueira é seiva errante que circula pela vida, mas para aproximá-la da morte – há aqui o ponto de “afinidade” entre Junqueira e Cioran no tocante ao modo de estabelecer a vida como *estar* na morte. Ao levarmos ao limite a máxima cioraniana de que sem sofrimento não há existência, podemos dizer que – em *A sagração dos Ossos* – o sofrimento vaza pelas frestas, introduzindo uma nota sombria, abrindo um abismo. Na primeira estrofe do primeiro poema do livro, insufla o peso da ausência: “Onde estão os que partiram/ desta vida, desvalidos?” (Junqueira 1994: 29). Após a partida, o que resta se não o silêncio de um profundo nada? Silêncio primordial, o nada pleno de significados! (discussão filosófica do nada, cf. especialmente: Eckhart 2004; Heidegger 1979; 1993). Como que uma queda no abismo, que somos nós, afinal, no terreno do sofrimento? O homem, no campo do sofrimento, está inteiramente ligado à morte, o “homem é a partir de sua morte [...] por um vínculo de que ele é juiz”¹⁴ (Blanchot 2011: 100). Assim, questiona o eu lírico: “havia em nós/ algo de mórbido” (Junqueira 1994: 39); é, a partir da morbidez, revelado o homem *décadent*, tão despedaçado quanto incapaz de suportar a própria imagem, como no poema “Espelho”:

O duro espelho me reflete:
 olhos míopes que pouco enxergam,
 lábios que muita vez se cerram,
 rugas que me entalham a testa

 Algo de mim: remorsos, répteis,
 algum antigo e inútil verso,
 a alma de um rei que, sem remédio,
 se consumia na quimera

 Todo esse lodo e essa miséria...
 E deles sequer um reflexo,
 como se o espelho, mais que o inferno,
 lhes recusasse alívio ou crédito.
 (Junqueira 1994: 62-63).

No poema – composto de quadras e versos octossílabos – a imagem refletida do “duro espelho” é um reflexo deformado da existência trágica. O eu lírico constantemente se vê, mas a imagem lhe é turva, ondulada, como se houvesse uma

¹⁴ Grifo do autor.

névoa, um eu decaído, como se enfermo, que experimenta sua dolorosa visão de si¹⁵. Na primeira estrofe, os olhos míopes, lábios cerrados e rugas na testa parecem estabelecer uma aproximação à ideia de velhice, esculpindo a duração da vida, os infortúnios das forças enfraquecidas pela ação do tempo – no ensaio “Sobre a Idade”, Montaigne (2010: 194-195) diz que morrer de velhice “é a morte mais rara, singular e extraordinária” que existe. Na estrofe seguinte, os pronomes indefinidos “algo” e “algum” nos fazem cair em um labirinto de dúvidas e lamentos, onde o final é o miserabilismo da existência. Sem remédio, o indefinido que sobressai do labirinto é algo “morto em mim, a parte morta de mim mesmo¹⁶” (Cioran 1990: 39). No primeiro verso da última estrofe temos a qualidade única do ser humano que é a de conhecer e experimentar a miséria, além de desprezar-se, pois “somente o ser humano é capaz de tanto *desprezo de si mesmo*”¹⁷ (Cioran 1990: 99). O espelho é retomado no final do poema como pior dos objetos, “mais que o inferno”, por refletir a crueldade humana. Incapaz de transmitir “alívio”, como fugir, então, do que se vê diante de si? Se é possível a fuga¹⁸, que outros mundos possíveis encontraríamos?

O poema “Espelho” pode ser tomado como um mergulho intimista, uma queda na angústia, visão do desespero. Outro sintomático poema de *Sagração* é intitulado “Morte” e, talvez, o mais expressivo do livro:

A morte é um cavalo seco
que pasta sobre o penedo;
ninguém o doma ou esporeia
nem à boca lhe põe freios.

.....
A morte escoiceia a esmo,
sem arreios ou ginetes;
não tem começo nem termo:
é abrupta, estúpida e vesga,

mas te embala desde o berço,
quando a vida, ainda sem peso,
nada mais é que um bosquejo
que a mão do acaso tateia.

.....
A morte é estrito desejo:
deita-se lânguida e bêbeda
à lenta espera daquele

¹⁵ Diante da dolorosa visão de nós mesmos, parece lícito lembrarmos uma frase antológica de uma cena do filme *O sangue de um poeta* (1930), de Jean Cocteau que diz: “os espelhos deveriam pensar mais antes de refletir as imagens”.

¹⁶ “Je regrette ce que est mort en moi, la partie morte de moi-même”.

¹⁷ “Seul l’homme est capable de tant de *mépris de soi*” (grifo do autor).

¹⁸ Sobre a fuga diante do espelho, convém citar o único curta-metragem de Samuel Beckett dirigido por Alan Schneider, *Film* (1965), em que o personagem se esquiva da câmera e cobre o espelho diante de si com um pano preto para escapar da agonia da percepção.

que a leve, sôfrego, ao êxtase.
(Junqueira 1994: 65-67).

A metáfora é predominante em todo o poema. Já na primeira estrofe, a morte é cavalo seco que ninguém doma nem lhe põe freios. Morte indomável, pois é pedaço da vida, como diria Montaigne, cavalga na vida porque é triunfante, como diria Emil Cioran, pura perfeição (Cioran 2004), ou, como nas palavras de Schopenhauer (2005: 425): “algo incluído e pertencente à vida” pela afirmação da Vontade de vida. A certeza da morte transborda na estrofe seguinte, “não tem começo nem termo”, ou seja, fluxo: um córrego pelas ruas da vida. No último verso da segunda estrofe a morte é tomada como “abrupta, estúpida e vesga”, adjetivos que falam do temor da morte inerente ao homem – para Cioran, “ter medo é pensar continuamente em si mesmo” (Cioran 1989: 81). Se é de forma abrupta que a morte invade nossa vida, medo e desespero se encontram como linhas no horizonte¹⁹. O encadeamento, ou *enjambement*, para a terceira estrofe destaca, através da conjunção coordenativa adversativa *mas*, a condição antagônica da morte de ser tanto dolorosa quanto acolhedora – a partir desta estrofe observamos o par antagônico morte/vida, pois uma *está* na outra, a morte *ocupa* a vida e todas as suas estruturas. A vida, assim, “nada mais é que um bosquejo” – concordaria Cioran com a ideia de a vida ser um rascunho incerto e mal desenhado que a mão do acaso tateia e aponta o caminho; para onde? Para a morte? Mão que tateia e não protege²⁰. Na última estrofe, “a morte é estrito desejo”, tanto desejo da morte quanto desejo de morte, se levarmos às últimas consequências o pensamento cioraniano, porque se a morte seduz a vida, então a desejamos. Os últimos versos tecem a imagem da morte à espera de quem a leve ao êxtase, “êxtase das profundidades últimas da vida”²¹ (Cioran 1990: 42). Desesperado êxtase.

Assim, ao que parece, a poesia em *Sagração* é grito de desespero, louco, agônico, que concentra em si todo o sofrimento do mundo, como quem busca “em agonia/o sentido da fáustica e sombria/ angústia de que o ser jamais se cura” (Junqueira 1994: 75): mar de chamas, calor interior, banho de fogo que “queima, inquieta, enlouquece” (Junqueira 1994: 49). Um incêndio que deixa tudo em ruínas, onde a beleza mesmo das chamas é “oferecer a ilusão de uma morte pura e sublime”²² (Cioran 1990: 95): poesia incendiária, como se pode ver no poema “Mater dolorosa”:

¹⁹ Para exemplificar o modo abrupto como a morte invade a vida, nada mais visceral que o filme *Gritos e Sussurros* (1972), de Ingmar Bergman, onde a morte é a mediação de três solitárias irmãs mergulhadas no abismo da vida.

²⁰ Sobre tatear e apontar para o incerto, exemplificamos com a emblemática cena da mão de concreto e sem o dedo indicador do filme *Paisagem na Neblina* (1988), de Theo Angelopoulos, que é retirada do oceano e desaparece no azul do céu.

²¹ “L’extase des fondations ultimes de la vie”.

²² “La beauté des flammes donne l’illusion d’une mort pure et sublime”.

Entre os túmulos e os dobres
é que vens, lenta e lutuosa,
nas mãos o cântaro e a rosa
que, defunta, já não colhes.

São teus olhos duas covas,
como as dos crânios, inóspitas,
mas eis que delas escorre
o que a morte não encobre:

essas lágrimas que boiam
à tona do que, sem bordas,
foi outrora a tua história
e agora é o pó dos espólios.

Úmido é o húmus da morgue
e do catre em que te encolhes,
como se o frio, em teus ossos,
queimasse mais que uma forja.

Muda e estóica até na cólera,
resta a cinza de teus fogos.
E o que de mim ainda sobra
busca a tumba de teu colo.
(Junqueira 1994: 97-98).

Este poema, como se dedicado a Augusto dos Anjos, é um hino à morte carregado de dor. Na primeira quadra, além das aliterações de *s* e rimas interpoladas que sugerem certa ondulação na sonoridade, há elementos fúnebres como túmulos, dobres, cântaro – a rosa no entremeio parece ser uma referência a Baudelaire. Além de influência surrealista nos versos “são teus olhos duas covas”, “lágrimas que boiam”, “pó dos espólios”, a identificação do eu lírico com o moribundo aproxima-se de uma espécie de desejo fúnebre na quarta estrofe, quando o húmus derrama-se por todos os lados; a morte, então, surge na imensidão do céu noturno. A tragédia do homem, encolhido no catre, é sentir a vida como um ponto de interrogação, por isso a tristeza, para a filosofia do pessimismo, ser o sentimento que permite fazer dessa interrogação uma reflexão: “a tristeza e o sofrimento nos revelam a existência”²³ (Cioran 1990: 108). Na última estrofe, conclui-se o espaço de devastação, restando “a cinza de teus fogos”. Não é a vida um espaço de ruínas? Aqui onde tudo é cinza e pó, a morte *figura* na vida – de acordo com Cioran (1991: 23), a morte “se espalha tanto, ocupa tanto lugar, que não sei *onde* morrer”²⁴. Assim, pode-se concluir que “Mater dolorosa” abre-se para os túmulos da vida, e mais: é uma poesia-decomposição.

²³ “La tristesse et la souffrance nous révèlent l’existence”.

²⁴ Grifo do autor.

A morte, portanto, é o ponto de encontro entre o poeta Ivan Junqueira e o filósofo Emil Cioran; o tema da morte e suas consequências existenciais levam tal encontro a uma relação quase direta. Certo de que há pontos de diferenciação entre ambos – o niilismo, por exemplo –, da aproximação de Junqueira com Cioran resulta um lugar privilegiado onde pode-se observar com maior nitidez a concepção da morte. Ambos, assim, partilham em suas páginas a tese de que a “morte é um estado de perfeição” (Cioran 2004: 35). Pensar a morte, tanto para Junqueira quanto para Cioran, é introduzir no pensamento a “desintegração supremamente duvidosa do não certo” (Blanchot 2011: 99). A tese de Blanchot é eficaz neste ponto para uni-los, pois, segundo o ensaísta, fugir da morte é dissimular-se em face dela, mas a fuga resulta também em dissimular-se nela – o que ele chama de profundidade de dissimulação. Como não há saída para a morte, a obra de Ivan Junqueira e Emil Cioran apontam direções para a morte, fazendo vida/morte conviverem, havendo aí uma “afinidade” entre o poeta e o filósofo, onde para ambos a existência torna-se incompreensível sem a morte, sofrimento, tristeza, angústia, dor e agonia.

Considerações finais

Morrendo nos convertemos em donos do mundo. Morrer a cada dia é, para o pessimista, inventar novas razões de existir a cada dia. Deste modo, os caminhos até então propostos para uma filosofia da morte foram: (i) pensar a morte filosoficamente para questionar a existência; (ii) pensar a experiência da morte *como* estrutura mesma da vida. Foi possível, a partir de problematizações filosóficas, ver a vida como mal gosto onde nada está resolvido, um “plágio” (Cioran 2004: 34), e o homem um ser que não deveria ter nascido, um animal metafísico que abriga uma podridão no interior da existência – nos aforismos “História e Eternidade” e “As Forças do Mal”, Cioran coloca o homem como o ser “desgraçado” (Cioran 1990: 119). Viver é uma enfermidade e o desejo de morte nasce durante os mal-estares imprecisos, teses do pensamento “niilista” de Emil Cioran, *odium fati* de uma hiena pessimista (Piva 2002).

Da aproximação de Ivan Junqueira com o pensamento do filósofo romeno resultou o encontro de dois nomes que mesclaram vida e morte, que derramaram em suas páginas problematizações da morte, propiciando pensar poesia e filosofia como morte contínua. É pela experiência da morte, portanto, que há uma presença decisiva da obra de Cioran na poética de Junqueira, assim unindo-os. Dois autores contemporâneos que estão em torno da filosofia da morte, estabelecendo diálogo e escrevendo para morrer.

A CLAMOR OF DESPAIR: DIALOGUES FOR A PHILOSOPHY OF DEATH BETWEEN IVAN JUNQUEIRA AND EMIL CIORAN

Abstract: This article intends to establish a connection between the philosophical pessimism of Emil Cioran and the work of Ivan Junqueira, *A sagração dos ossos* (1994). The aim is to investigate in the work of the poet a propitious space for a philosophy of death and dying, departing from the experience of life as prolonged agony, a position that crosses the thought of the Romanian philosopher. In this respect, it is possible to take, under the light of a pessimistic philosophy the poetry of Ivan Junqueira as a celebration and a walk to death.

Keywords: Death; Despair; Poetry; Philosophy.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Antonin. *A arte e a morte*. Trad. Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena, 1985.

AUERBACH, Erich. O escritor Montaigne. In: *Ensaio de literatura ocidental: filologia e crítica*. Trad. Samuel Titan Jr. e José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Ed.34, 2007, pp. 145-166.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011

CIORAN, Emil. *Breviário da decomposição*. 2ª Ed. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. *Sur le cimes du désespoir*. Trad. André Vornic. Paris: L'Herne, 1990.

_____. *Silogismos da amargura*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. *Desgarradura*. Barcelona: Tusquets, 2004.

_____. *Exercícios de admiração: ensaios e perfis*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CORSI, Edson Manzan. A poesia em Cioran. In: REDYSON, Deyve (org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011, pp. 91-100.

ECKHART, Mestre. *Sobre o desprendimento e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GUEDES, Wagner Alves. Emil Cioran: o último dos metafísicos. In: REDYSON, Deyve (org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011, pp.101-116.

HEIDEGGER, Martin. *Escritos e Conferências*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

_____. *Ser e Tempo*. 2 vols. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: 1993.

IVO, Ledo. *O ajudante de mentiroso*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Educam, 2009.

JUNQUEIRA, Ivan. *A sagração dos ossos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

LIVRO TIBETANO DOS MORTOS – Bardo Todol. Trad. Julia Santiago Noll. Rio de Janeiro: Ed. Cátedra, 1972.

MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios: uma seleção*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NASCIMENTO, Evando. *Literatura e Filosofia: ensaio de reflexão*. In: _____ (org). *Literatura e Filosofia: diálogos*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2004.

NUNES, Benedito. *Poesia e Filosofia: uma transa*. In: *Ensaios Filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PAREYSON, Luigi. *Verdade e interpretação*. Tradução de Maria Helena Nery Garcez e Sandra N. Abdo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PECORARO, Rossano. *Cioran: a filosofia em chamas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PINGUET, Maurice. *A morte voluntária no Japão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

PIVA, Paulo Jonas de Lima. *Odiu Fati. Emil Cioran, a hiena pessimista*. In: *Cadernos Nietzsche*, nº 13, 2002, pp. 67-88.

REDYSON, Deyve. *O interesse pelo pior. O conceito de péssimo na metafísica de Cioran*. In: REDYSON, Deyve (org). *Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *O Mundo como Vontade e como Representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SECCHIN, Antonio Carlos. O exato exaspero. In: JUNQUEIRA, Ivan. *A sagração dos ossos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994, pp. 15-22.

THOMAS, Louis-Vincent. *Antropologia de la muerte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

VOVELLE, Michel. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, H; VERBEKE, W. *A morte na Idade Média*. São Paulo: EdUSP, 1996.

ARTIGO RECEBIDO EM 26/02/2012 E APROVADO EM 07/03/2012.